

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Martins

registada em 2008-09-11
por

Cláudia Simões e Hugo Pereira

António Martins

António Martins nasceu a 14 de Junho de 1932 em Monte Frio. O pai chamava-se Floriano Martins e a mãe Maria Delfina Martins. O pai foi empregado na Favorita, em Lisboa. António tem poucas recordações dele porque morreu quando ele tinha apenas 11 anos. A mãe era doméstica e trabalhava na agricultura, “cavar terra, semear as sementes, arranjá-las e colher aquilo que dava”. António viveu sozinho com a mãe, até aos 14 anos, altura em que foi para Lisboa. Aos 6 anos começou a trabalhar, ajudando a mãe nas tarefas domésticas. Tinha 7 anos quando foi para a escola. Com 10 fez o exame da terceira classe e no dia seguinte foi “acartar cascalho num carro de mão”. Na tropa fez a quarta. Foi fazer os 15 anos a Lisboa. Trabalhou numa taberna, 18 horas por dia. Depois, numa garagem foi lubrificador de automóveis. Dali foi para o exército, onde esteve dois anos. Por fim, trabalhou numa praça de táxis. Conheceu a esposa na terra, foi “da mesma infância” e por isso já se conheciam bem. Engraçaram um com o outro e namoraram durante dois anos. Como António estava em Lisboa, o namoro foi feito por cartas, “sem beijinhos”. Quando tinha 27 anos casaram na capela de Monte Frio. Depois do casamento foram para Lisboa e por lá estiveram durante 32 anos. Tiveram um filho. Farto de estar em Lisboa, regressou a Monte Frio, onde diz estar melhor.

Índice

Identificação António Martins.....	4
Ascendência Floriano Martins e Maria Delfina.....	4
Infância Muitas crianças e muitas brincadeiras.....	5
Educação Da caneta à carreta.....	6
Religião "Nessa altura, a catequese era a enxada e a picareta".....	7
Casa "A gente não cabia nos quartos".....	7
Namoro "Nas cartas, não havia beijinhos".....	8
Casamento Um casamento cheio de tudo.....	8
Descendência "A enfermeira deve-se ter esquecido da gente".....	11
Percurso profissional Com 15 anos a trabalhar numa tasca.....	12
Costumes Uma aldeia cheia de personalidade.....	15
Lugar O antes e o depois.....	18
Quotidiano "Estou por aqui, não faço mais nada".....	21
Sonhos Um sonho a dois.....	22
Avaliação "Um certo valor".....	22

Identificação *António Martins*

O meu nome é António Martins. Nasci a 14 de Junho de 1932 em Monte Frio.

Ascendência *Floriano Martins e Maria Delfina*

O meu pai chamava-se Floriano Martins e a minha mãe Maria Delfina Martins. O meu pai foi empregado na Favorita, em Lisboa. A Favorita era uma fábrica de chocolates que ainda existe hoje. Trabalhava a fabricar chocolates e a comê-los. Do meu pai não me lembro de nada. Foi para Lisboa, coitado, desorientado. Aqui não se fazia nada, não havia onde ganhar dinheiro. Ele foi a pé de Monte Frio para lá. Não tinha dinheiro e foi a pé. Morreu lá, tinha eu 11 anos. Já estava em Lisboa há muito tempo. Por isso ele deixou-me a mim ainda com uma idade pequena. A mim e à mulher, à minha mãe. Vivia só eu e ela em casa. Éramos só os dois. Depois fui para Lisboa, tinha 14 anos, e ela ficou sozinha.

A minha mãe era doméstica aqui em Monte Frio. Nunca foi para Lisboa. Esteve lá só uns anos, mas já depois de a gente estar reformada. O dia-a-dia da minha mãe na agricultura era cavar terra, semear as sementes, arranjá-las e colher aquilo que dava. Plantava milho, feijão, batatas, couves, era de tudo. Ia para a fazenda de manhã e andava até à noite. Era sempre a trabalhar. Fazia de tudo. Tinha animais, mas poucos: uma cabra ou duas, uma ovelha e galinhas. Trabalhava no campo dela e de outras pessoas. Trabalhava para ela e depois ainda tinha que aproveitar por fora, quando havia. De onde é que vinha o dinheiro para o petróleo, para pagar as linhas e essas coisas? Ela andava meio dia para ganhar 25 tostões. Era a 5 escudos o dia. Andava desde manhã até à noite. Não eram oito horas, era de manhã à noite. Eram 5 mil réis.

Infância *Muitas crianças e muitas brincadeiras*

Uma infância com muitas crianças

Antigamente havia para aí miudagem que era obra. Naquela altura não havia televisão... Cada casal tinha sete, oito, nove, dez crianças. A minha mulher tinha sete irmãos e ainda parece que morreram um ou dois. Havia-os aí com 14, 12, 11. Ainda há pouco tempo estava uma família de 11, acabou o último aí.

As brincadeiras era jogar aos três berros e à cocha. Aos três berros é fugirem uns atrás dos outros. Jogar à cocha é uma pinha num buraquito e depois andar a dar-lhe o pau. Às escondidas, escondia-se agora um e depois o outro tinha que o achar. Ao eixo, um baixa-se, o outro salta-lhe por cima, depois baixa-se à frente outra vez e o outro salta-lhe por cima. Eram essas brincadeiras. Eram brincadeiras de miúdos, de rapazes. A bola era uma meia que se enchia de trapos. Brincávamos com uns carritos feitos com "couratos" dos pinheiros. À casca dos pinheiros, chamam-lhe "couratos". E então fazia-se um carrito, com umas roditas. Era aquilo que a gente tinha para brincar. Havia lá computadores ou carros comandados...

Trabalhar desde pequenino

Eu comecei aos 6 anos a trabalhar. Ajudava a minha mãe nas tarefas domésticas. Fazia-lhe o comer e ia levá-lo à fazenda onde a minha mãe andava a trabalhar. Fazia batatas com cebola e já não era mau. Pois então, não havia bife, não havia nada. Fazia o comer e depois ainda tinha de tratar do gado. Cheguei-lhe a lavar a casa sem ela saber.

"Eu é que fiz"

Ainda me lembro, uma vez, andava-lhe a lavar a casa com sabão amarelo e havia umas pessoas que sabiam que a minha mãe andava a trabalhar. Eu estava com a porta fechada e elas abriram a porta para ver quem é que andava lá a lavar a casa. Era eu! Mas ela não sabia, porque não me mandou fazer isso. Eu é que fiz.

Roupa e calçado adequado

As roupas que antigamente usavam para se protegerem eram mantas de baetilha, feitas de trapos. Mantas feitas de bocados de roupas. Eu andava descalço. Andava eu e andavam os outros. Quando, debaixo de um castanheiro, pisávamos aqueles ouriços, ficavam cravados os picos todos do ouriço no pé. Quando havia umas alpercatas, aquilo já era uma festa. Alpercatas são um bocado de borracha com um pano por cima. Algumas pessoas usavam, mas isso já era um luxo. Os tamancos também eram um luxo.

Educação *Da caneta à carreta*

Tinha 7 anos quando fui para a escola. O edifício da escola foi em vários lados. Um foi onde está o largo. Aí foi a primeira escola onde eu andei. Dali fizeram uma escola nova pré-fabricada onde está o campo de bola. Depois acabou, mas já eu lá não andava.

Aquilo era sempre escola cheia. Não havia ali com meia dúzia, nem tinha que fechar porque não havia crianças. Estava sempre abarrotada. Sempre com crianças a mais.

Educação à antiga

A professora era boa como as outras. Não era má. Mas não era como agora! Agora, se um professor puxar uma orelha a um aluno é mau. Naquela altura, batiam-lhes e acho muito bem, porque se lhes batiam era porque as mereciam. E os pais não diziam nada. Era a educação, fazia parte da educação, mas agora não. Agora fazem o que querem e ainda batem nos professores.

Tinha lá umas régua das daquelas com cinco furos. Daquelas que dá para bater, porque a outra reguazita não fazia doer nada. Aquela era grossa. Parecia uma colher de pau. Levavam uma reguada por estar a conversar com o outro, na altura de estar a estudar, ou a virar-se para trás a falar. Depois levavam uma reguada. E acho muito bem!

Quarta classe numa escola diferente

Aqui, só davam até à terceira classe. Nem o exame se fazia. Estudava-se aqui, mas não vinha cá júri nenhum para fazer o exame. Andavam a estudar até à

terceira classe, depois ia-se aos Pardieiros fazer exame. Juntavam-se as escolas e lá em baixo é que havia o centro de fazer os exames da terceira e quarta classe. Não sei se havia condições para cá virem se não, mas não vinham aqui para fazer o exame a um aluno ou dois. Juntavam-se mais e faziam-no todos juntos.

Eu, por acaso, fui lá fazer o da terceira classe. Não fiz a quarta classe, porque não tive tempo. Tinha 7 anos quando fui para a escola e depois fiz a terceira classe aos 10. Ao outro dia, fui acartar cascalho num carro de mão. Tive que ir para a estrada. A quarta classe fi-la no exército, na tropa.

Religião "*Nessa altura, a catequese era a enxada e a picareta*"

A minha mãe era religiosa, mas não podia largar a vida para ir para a missa. Umhas vezes ia, outras vezes não ia. Nessa altura, a catequese era a enxada e a picareta. Trabalhar no duro. Não fui à doutrina, mas a minha mãe dizia-me e eu aprendia. E aprendi tudo. Ela não disse nada que eu não aprendesse. O Acto de Contrição, a Confissão, o Pai Nosso, a Salve Rainha, tudo.

Casa "*A gente não cabia nos quartos*"

A minha casa era um palheiro, quase. Era uma casa velha, com o soalho de tábuas. Naquela altura, também não havia casas novas para todos, como está a minha agora. Mas, enfim, vivia-se.

Os quartos eram pequenos, porque aquilo era só para dormir, não era para mais nada. A gente não cabia lá. Não se vestia, nem despia nos quartos porque eram pequenos, mas tinham umas salas grandes, que era onde malhavam e debulhavam o milho. Todas as casas tinham as salas grandes por causa das malhas do milho.

Os Invernos passávamos ali com uma fogueira, a queimar cavacas. A casa cheia de fumo. Não havia electricidade, não havia nada. Não havia casas de banho. Íamos aí debaixo dos pinheiros fazer isso. Para tomar banho, ia-se ao rio no Verão ou então lavavam-se uns aos outros. Era uma vida difícil.



António e sua mãe em casa no Monte Frio

Namoro "*Nas cartas, não havia beijinhos*"

Eu e a minha mulher somos da mesma terra, da mesma infância. Ela é da minha idade. Se eu tivesse ido para Lisboa com 4 ou 5 anos e ela ficasse cá, isso é que podia ser diferente. Mas ela esteve cá até aos 27, eu até aos 14. A gente já se conhecia bem um ao outro.

Já estava em Lisboa há bastante tempo, quando comecei a namorar com ela. Eu vinha cá todos os anos à festa e a gente falava-se. Engracei com ela, ela engraçou comigo, começámos a namorar. Os namoros começam assim dessa maneira. Estávamos a falar um com o outro e tal. Nem ela me pediu em namoro a mim, nem eu a ela. É a conversar um com o outro até acabar sério.

O namoro era por cartas. Nas cartas, não havia beijinhos, nem havia nada. Era uma carta normal: "Estás bom?", "Estás boa?". Nós namorámos uns dois anos.

Casamento *Um casamento cheio de tudo*

Os beijinhos, nem no dia do casamento. Já estava casado, pedi-lhe um beijo e nem isso! Disse que ainda era cedo para me dar o beijo. Tinha um fio de ouro e

uma medalha de ouro para lhe dar. Pus-lhe ao pescoço e não quis. Já estávamos casados, mas tinha vergonha.



**Arminda e António no dia do casamento
(Monte Frio, 6 de Agosto de 1959)**

A gente casou-se tinha 27 anos. A cerimónia foi boa. Foi aqui na capela. Ainda tenho o fato de casamento, que o vesti só essa vez. Ela ia vestida de branco. Levava o véu, levava tudo. Foi o padrinho que a levou ao altar e que ma entregou.

Uma boda à antiga com comida à antiga

No dia do casamento, fez-se um cozido que ainda hoje há quem fale disso. Um cozido à portuguesa que levou um presunto inteiro lá dentro do caldeiro. Levou tudo. Chouriços daqueles grossos. Ah, era bom. Ainda há gente hoje que fala disso e foi há bastantes anos! Agora, os enchidos não prestam para nada. Não é tão boa a carne como era nessa altura. Naquela altura valia a pena, era uma

maravilha. Os porcos eram criados nas lojas, com restos de comida temperada, agora é tudo à base de farinhas.

Isso foi o primeiro prato. Depois veio a chanfana. Tinham-se morto umas cinco ou seis reses, cabras, ovelhas e tudo. Tudo assado no forno. Depois havia tigelada, arroz-doce, essas coisas todas. Havia de tudo com fartura.

Aquilo aqui não era uma refeição e depois ir embora. Almoçava-se nesse dia, jantava-se e ao outro dia almoçava-se outra vez. Ainda era preciso muita coisa, muito comer. Teve de se recrutar gente, mulheres para ajudar, porque aqui só os da casa não davam para isso. Convidámos a família e os amigos. Nós éramos umas 30 ou 40 pessoas.



Casamento de António e Arminda (Monte Frio, 6 de Agosto de 1959)

Andávamos no baile e eles andavam a pau com a gente para irem lá depois bater à porta. Mas a gente apanhou-os a dançar e raspámo-nos. Viemos embora. Depois andavam aí à nossa procura. Andaram à rasca a ver se encontravam a gente para nos incomodar. Mas não encontraram.

A lua-de-mel foi numa casita aqui. Não foi lá para o estrangeiro. Depois do casamento, fui à minha vida e ela foi comigo para Lisboa. Esteve lá 32 anos comigo. Quando estava farto de lá estar, viemos embora.

Descendência *"A enfermeira deve-se ter esquecido da gente"*



António Pedro (7 anos), filho de António

Quando o meu filho nasceu, eu fui lá vê-lo ao Hospital Santa Maria e disse assim:

- A enfermeira deve-se ter esquecido da gente e não nos manda embora. Já estava farto de lá estar.

Ele foi baptizado aqui na terra, na capela. Depois, empregou-se e foi para a Caixa Geral de Depósitos. Já lá está há 20 e tal anos.



Casamento de António Pedro, filho de António

Percurso profissional *Com 15 anos a trabalhar numa tasca*

O primeiro emprego ainda em criança

Quando acabei a escola, fui para a estrada acartar cascalho. Andavam uns a minar a peneda e andavam outros a acartar, a desviar o cascalho para o lado. Minar é cortar a peneda para fazer a estrada. Ganhava 6 escudos cada dia, 6 mil réis.

Desde manhã, comíamos cinco vezes. Havia o almoço de manhã. Depois, era o pequeno-almoço às nove, lá. Havia meia hora para fazer isso. Ao meio-dia, havia o almoço. À tarde, às quatro horas, era o lanche e à noite, em casa, era a ceia. O almoço era um bocado de toucinho, um bocado de broa e uma sopa em cima. Um bocado de toucinho, mas do branco! O toucinho branco é o gordo,

aquele que não tem febra. Não era daquele entremeadinho. Esse não entrava cá. Era do mais barato.

"À meia-noite, fechava e ia para trás dos cascos"

Fui fazer os 15 anos a Lisboa. Fui para lá, porque aqui não havia nada. Ficava aqui a fazer o quê? A minha mãe ficou triste e até eu fui triste, mas tinha que ser assim, não podia ser de outra maneira. Nunca tive ninguém que me ajudasse. Nunca tive ninguém que me cosesse um botão sem ser a troco de dinheiro, sem ser a pagar.

Estive numa taberna a trabalhar 18 horas por dia. Desde as seis da manhã até à meia-noite. Só estava sentado o tempo que estava a comer, que era depressa. Aquilo era muito tempo. À meia-noite fechava e ia para trás dos cascos. Os cascos eram onde têm o vinho. Aqueles barris grandes. Era ali a minha cama. Estava lá um divãzito, dormia ali. Deitava-me. Para o lado que eu me deitasse, era para o lado que acordava de manhã, quando me batiam à porta para lá ir servir os bagaços e as aguardentes.

Antigamente, havia os cortados, que era abafado com aguardente à mistura. Havia as ginjas, havia as bebidas brancas, como chamavam. Só fazia mal, mas era aquilo que a malta bebia.

"Era lubrificador de automóveis"

Depois, fui para uma garagem, onde estive uns poucos de anos. Era lubrificador de automóveis. Punha-os no ar, lavava-os por baixo, parafinava e lubrificava. Quando eu me vim embora lá tiveram de meter dois homens no meu lugar que um só não fazia aquilo que eu fazia.

"Na tropa, só tive amigos"

Dali fui para o exército. Andei lá dois anos. Na tropa, só tive amigos. Toda a gente gostava de mim. Tenho muita saudade de muitas pessoas amigas, que nunca mais as volto a ver.

Não é andar-me a gabar, mas nunca tive problemas. Até fui condecorado e louvado: "Louvado sua Excelência General Chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas pela invulgar perícia, dedicação e cuidado com que sempre conduziu e tratou da viatura que lhe estava distribuída, conseguindo desta forma reduzir em muito as suas despesas com a sua conservação e utilização. Tendo demonstrado

ser bem digno da confiança dos seus superiores, comprovou nos vários serviços extraordinários, para que sempre satisfizes plenamente. Lisboa, a 18 de Outubro de 1954". Mas este general, que me deu o louvor, também me deu um castigo logo ao segundo dia que eu estava na Aeronáutica, mas sem razão nenhuma. Depois até passou a ser meu amigo.

Um castigo injusto

Eu estava há um dia na Aeronáutica na Avenida da Liberdade. O General pertencia ao Conselho Administrativo, que era na cave. Eu estava lá sentado e vem aquele senhor por ali abaixo. Olha para mim e eu olho para ele, mas não me levanto, porque ali passavam civis e eu não me ia levantar a um civil, nem fazer-lhe continência. Então eu digo assim:

- Estava a olhar para mim, já estou tramado.

Ele vem para baixo, eu levantei-me e diz-me ele:

- "Que é que estás aqui a fazer?"

- Sou chofer do Conselho Administrativo.

- "Então, e não me conheces?"

- Saiba Vossa Excelência que não. Estou aqui há dois dias e não o conheço.

- "Mas eu conheço-te a ti. Então, para me ficares a conhecer vou-te dar cinco dias de detenção."

E deu: "Puno com cinco dias de detenção o soldado condutor, auto 13353 do Grupo de Companhias Trem Auto, por eu ir passando no corredor deste edifício e ele não se levantar prontamente à minha passagem. Chamado à atenção, declarou não me conhecer. Atinge o artigo 2 e o 4 da disciplina militar." Deu-me o castigo, mas depois não saiu a ordem. Eu pertencia ao Grupo de Companhias Trem Auto e eles tinham que mandar para lá um ofício deste castigo para sair a ordem na minha caderneta, mas estava lá o coronel Venâncio Deslandes, o Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas, que era muito meu amigo. Esse, então, não mandou nada para lá. De maneira que não saiu nada a ordem. Se saísse, pelo que foi, também não fazia mal, porque não foi castigo nenhum assim de relevo. Eu era obrigado a levantar-me e a conhecê-lo se ele viesse fardado. Mas eu estava lá há um dia ou dois, não podia. Ele vinha fardado o primeiro dia, o segundo dia vinha à paisana. É totalmente diferente. Isto, há 54 anos. Nunca mais me esqueceu.

Fui condecorado pelo sindicato

Fui para a praça, que era um serviço mais limpo. Na praça de táxis, já se sabe, aquilo era um emprego de miséria. Ganhava 180 escudos por semana com horário de 12 horas. Era muito não era? Quando me casei ganhava 200 escudos por semana. As mulheres-a-dias chegavam a um ponto em que ganhavam mais que nós. E uma responsabilidade daquelas, que a gente dizia à família "até logo" ou "até amanhã" e não sabia se vinha, se não vinha. Agarrado a um volante não se sabe quando é que vem e se vem. Vai contra outro, vai para uma barreira, vem outro contra a gente e mata-nos. A pessoa que não tem culpa é a pessoa que morre. Eu tenho medo dos outros, não é de mim.

Eu até fui condecorado pelo sindicato de tantas coisas entregar lá. E coisas com valor.

"20 escudos de gratificação"

Uma vez, entreguei lá um cordão de ouro, duas alianças e um alfinete. Iam umas pessoas para um casamento e eu levei-as ao Terreiro do Paço, ao barco do Barreiro. Quando cheguei, pagaram-me e eu vim-me embora. Mais tarde, uma senhora que eu apanhei diz:

- "Olhe que tem aqui uma mala atrás."

Vou a ver, lá tinha aquilo tudo! Digo assim:

- Isto faz uma falta enorme à mulher!

Eu não lha podia entregar, que ela tinha ido apanhar o barco. Levei ao sindicato. Ao outro dia, deixou lá 20 escudos de gratificação. Não era obrigada a deixar nada, de qualquer das maneiras também podia gratificar melhor... Era um valor enorme, aquilo. Um cordão de ouro! Nós éramos 1000 e tal táxis, de maneira que nunca sabia quem era eu. Mas Deus me livre! Entreguei lá muita coisa.

Nessa altura andava-se mais à vontade de noite, que hoje de dia. De noite não havia problemas. Nunca tive problema nenhum de ser atacado. Agora é de dia a toda a hora, num lado qualquer.

Costumes *Uma aldeia cheia de personalidade*

Andores, enfeites e foguetes

O santo padroeiro cá da terra é o Milagroso Bom Jesus. Há também a Nossa Senhora da Boa Viagem. Agora não tem havido festas, porque não tem havido quem as faça. É preciso muito dinheiro e muito trabalho. Andar a pôr mastros, fitas, fios e enfeites. Depois tem que se dar de comer aos conjuntos e isso é um problema. Então isso está arrumado, mas parece-me que para o ano já há outra vez. Não havia mordomos. Os mordomos são os que organizam a festa e os que são responsáveis. Aqueles que pagam as despesas. Teve de se arranjar uma Comissão de Festas para haver quem organizasse, mas uma coisa mínima. Agora também não se pode deitar foguetes, que é proibido, e acho muito bem.



Neto de António com 5 meses (Lisboa, 1987)

Vem o padre dizer a missa e depois há procissão. Vêm os andores dos santos enfeitados com o padre à frente e as cruces. Quem leva os andores é a rapaziada. Quando era preciso, eu também ajudava. Agora é o meu filho e o meu neto.

Concertina e guitarra todos os domingos

Aos domingos havia o bailarico, para divertirem as pessoas. De oito em oito dias, aos domingos, dançava-se ali até de manhã. Era uma concertina ou uma guitarra a tocar. Se o tempo estivesse bom, era na rua. Se estivesse a chover, era dentro de uma casa. Em Lisboa e em qualquer lado, há coisas para dançarem. Aqui não havia. As raparigas e os rapazes juntavam-se todos. A minha mulher, um dia, a dançar arrancou-se-lhe uma unha de um pé e nem deu por isso. Continuou a dançar à mesma.

O jogo típico é o chinquilha. O chinquilha é um fito que põem ali e depois mandam-se umas malhas para o deitar abaixo. Se deitar abaixo, ganha três, se ficar com a malha mais perto do fito, são dois. Aquele que fizer primeiro 24 cantos vai beber à conta do outro.

Milho e abraços

Antigamente, toda a gente tinha milho. Vinha gente de fora ajudar também. Ajudavam-se uns aos outros. Iam acartando milho para casa e no dia da malha, juntavam-se. Com uns paus, batiam nas espigas e outras pessoas tiravam os grãos que ficavam agarrados aos casulos. O "x" era aquele milho escuro, preto. Toda a gente gostava de encontrar uma espiga daquelas. Havia abraços, mas nada com maldade. Era tudo como irmãos.

Podes estrebuchar, mas não foges

Na matança do porco, vinham cá matá-los. Eram os homens a segurá-lo em cima de um banco. Seguravam-no e ele estrebuchava, mas não ia embora. Era a faca no peito, direito ao coração! Tinham que lhe tirar o sangue para ele morrer. Morria, era queimado com carqueja e depois raspado. Ficava ali, parecia que tinha a barba feita. Depois de aberto, as tripas eram despejadas e lavadas onde houvesse água. Tiravam-lhe o cocó. Tiravam-lhe aquilo tudo. Era tudo lavadinho, tudo virado do avesso, lavado, escaldado e tal e depois eram cheias com bocados de carne, conforme a especialidade que quisessem. De sangue, de carne, de bofe. Faziam-se os enchidos. Era só atar e pôr ao fumeiro.

Mas isso acabou. Agora, já se compra só a carne. Vem aí o homem do talho duas vezes por semana e compram aquilo de que têm precisão. Para que é que hão-de estar a comprar um porco inteiro se precisam só de 1 quilo ou meio quilo de carne? Compra-se, vai-se comprando.

Natal é e sempre foi em família

Hoje, pelo Natal, quase se despoeva tudo daqui para irem para Lisboa, para ao pé das famílias, porque é uma quadra de as pessoas se juntarem todas. Uns vêm de lá para aqui e outros vão daqui para lá. Para aqueles que cá estão, é um dia que não é para se sair de casa. É dia de estar junto com a família. Antigamente também era assim, convivía-se dentro de casa uns com os outros, as famílias umas com outras.

Histórias para as criancinhas comerem

Antigamente é que se falava do lobisomem. Isso era para as crianças comerem. A gente tinha uma filha ou um filho que não queria comer a sopa:

- "Come! Senão vem aí o lobisomem e leva-te!"

- "Olha que vem aí o lobisomem e ele leva-te!"

E elas comiam, com medo. Não fazia nada e nem havia lobisomem nenhum. Falava-se!

Lugar *O antes e o depois*

Sei que esta terra existe há 400 e não sei quantos anos. Foi um homem que veio de Côja. Fixou-se aqui, constituiu família e depois, nasceu a terra. Os habitantes daqui têm uma alcunha: são os "Valentões". Aqui é gente de pulso. Agora já não há, mas antigamente havia cá. O meu pai era um deles. Levantava um ferro com uma mão só, que a malta, hoje, não era capaz com as duas.

Uma paisagem diferente

Antigamente, toda a gente tinha um rebanho de gado. Andavam com elas na rua e comiam o mato todo que agora está a tapar essas florestas. Não havia mato, porque o gado roía tudo. E havia muito cultivo. Havia os pinheiros que ainda há hoje. Mas aquilo está tudo cheio de mato, quase da altura dos pinheiros. Agora, vem um fogo, quem é que o apaga? Hoje, quando vem um fogo queima

tudo. Só ao poder de muito tempo, muita água. Antigamente, até no fim da festa deitavam um balão. O balão ia com a mecha lá para o outro lado, para outros lados, e onde caía, não deitava fogo, porque não havia o que arder. Agora, foi proibido precisamente porque aquilo onde caísse era logo fogo.

Havia feiras, mas faltava dinheiro

As feiras eram como são hoje, só que hoje há mais fartura de coisas que nessa altura. Também há aí mais compradores. As feiras não eram aqui. Aqui, eram só consumidores. Havia tudo, o dinheiro é que era pouco. Compravam as coisas conforme o que podiam, conforme o dinheiro. Tinham que vender os ovos das galinhas para comprar os botões, para comprar as linhas. O meu sogro, por exemplo, era um daqueles que ia daqui carregado de colheres e fusos e não sei que mais por aí fora para a Covilhã a pé. A pé! Andava lá semanas. Levava uma broa, duas broas num bernal para lá comer e dormia nos palheiros. Era assim, para ganhar alguma coisita. Mas não era só ele. Era uma mão-cheia deles aí a vender colheres, pifaros, fusos e essas coisas. Andavam lá e dormiam naqueles currais, para não gastarem dinheiro. Não podiam. Com certeza que eram tempos mais difíceis em todo o sentido.

"O correio era distribuído à mão"

O correio era distribuído à mão. Andava uma mulher. Todos os dias ia para a Benfeita e vinha. Vinha dos Pardieiros, pela Relva Velha. De manhã ia lá buscar e à tarde ia lá levar. Ia e vinha, levava e trazia. Ganhava 10 ou 15 tostões por dia, 30 mil réis por mês.

Cobertor à janela

Antigamente, não vinha cá o médico. Havia o regedor, que vinha cá. Por exemplo, tinha o sarampo. Havia de lhe dar água com fartura porque aquilo faz sede, o calor, a febre. Mas não! Aqui tapavam com cobertores. Quando havia de encher a barriga de água, água, nem prová-la. Punham-lhe um cobertor encarnado na janela. Diziam que fazia bem para curar o sarampo. Lá estava ali uns dias até se achar melhor.

Uma coisa mais grave, tinham que ir para o hospital. Vinha uma ambulância ou qualquer coisa buscar. Ambulâncias houve sempre. Nos bombeiros também.

Se raspava o joelho no chão aquilo lá ia ao lugar quando entendesse que havia de ser. Se partisse a cabeça ainda cá tinha agora a marca.

"Lá curou por ela"

Andava aos figos lá numa figueira. Estava virado para cima de um barroco. Partiu a pernada onde eu estava, lá venho eu para baixo. Andava com um bonezito na cabeça, furou boné, furou tudo! Quando eu vou a meter a mão, era só sangue! Lá me raspam ali o cabelo, um pensozito e lá curou por ela.

Têm o posto médico. Se for preciso ir para o médico a camioneta vem buscá-lo e vem trazê-lo. Antigamente como é que era? Não era assim.

Quando as pessoas morriam, levavam-nos à mão daqui para a Benfeita. Com os caixões às costas, por esses outeiros abaixo. Quem os levava, eram os homens. Da família, era quem calhava.

Uma Comissão, um bom serviço

A Comissão é boa, porque foi criado lá um serviço para os utentes que precisam. Trazem-lhes o comer feito. Eles vão lá comer por uma bagatela. Pagam ali, deve ser, 400 e tal mil réis por cada refeição. E ainda levam para casa o lanche. Não têm problemas nenhuns. A reforma dá e cresce muito, porque eles gastam ali 20 e tal contos por mês. Ora qualquer pessoa tem 40. Ainda fica com metade para sábado e domingo que não têm o serviço. Antigamente, não havia o que comer, não havia o que comprar, não havia dinheiro. Agora não, têm todas as regalias.

As diferenças que existem agora é tudo na maneira de viver. As possibilidades são melhores agora que antigamente. Antigamente, não havia ordenados, não havia reformas, não havia nada, como é que podiam ter dinheiro? Agora, toda a gente tem uma reformazita, grande ou pequena. Tem que chega e ainda faz alguma coisita. Toda a gente é reformada, ganha bem, tem uns tostõezitos. Por mim, está bem assim conforme está. Não se passava como se passa agora. Agora é uma mina. Antigamente, chegava-se à hora do comer e não havia o quê. Hoje, já se sabe o que se vai comer amanhã, no outro dia e no outro dia, se for preciso. Em minha casa, é assim. Eu acabo de almoçar e digo à minha mulher:

- O que é que há-de ser amanhã para o almoço?

E ela:

- "Ah! É contigo."

E eu, é claro, escolho. Escolho o que quero.

Gosto daqui como toda a gente gosta da terra onde nasce. Pode não prestar, mas a pessoa que é de lá, gosta. Para mim presta e para os outros também. Tem ali um largo que não há aqui no concelho de Arganil. Não há aqui uma terra que tenha um largo igual àquele ali. De certeza!

Não fiquei em Lisboa, porque estava farto de lá estar. Tanta vez acordei ao som dos alarmes dos carros e dos estabelecimentos que andavam a roubar. Estive lá 44 anos. Estava farto! Aqui, estou melhor.

É um assalto!

Por baixo da gente, havia um estabelecimento de electrodomésticos. Um dia, houve um assalto. Quando isso aconteceu, eu tinha lá uma pistola. Estava legalizada, estava tudo. Eles meteram os carros de marcha atrás contra a porta para assaltarem para roubarem. Aquilo foi num instante. Foi enquanto eu fui buscar a pistola que estava lá na gaveta. Venho à janela e já estavam a carregar um gira-discos e sei lá o quê. Mandei-lhe dois tiros! Os gajos arrancaram com o carro que até foi pelo ar! Depois, a minha mulher foi lá buscar aquilo e ao outro dia entregou à dona. Nem obrigada lhe disse!

Quotidiano "Estou por aqui, não faço mais nada"

Levanto-me de manhã, tomo o pequeno-almoço, vou dar uma volta a pé, venho e faço o almoço. Depois, espero pela minha mulher, que volte da fazenda, onde ela anda a trabalhar. Almoçemos, vamos ao café. Ela lava a loiça e arruma a cozinha e eu estou por aqui, não faço mais nada. Nem me apetece fazer nada. Agora, queria descansar os últimos dias da minha vida mais ou menos assim.

Na fazenda cultivam-se ervilhas, favas, couves, tomates, pimentos, feijão, morangos, tudo! Até quivis tem. Tem dióspiros e ameixas. Só árvores de fruto, temos lá umas 50. Pereiras, macieiras, abrunheiros, tudo! Aquilo nunca se deita fora, é fruta. Se comprar é pior. Também não fica de graça, mas é mais barato. Fui ali à camioneta, comprei lá dois tomates, uma alface e uns pêssegos e deixei lá 2 contos. De lá de baixo da fazenda vem mais barato. Só que tem uma época que vem tudo junto e não se consegue comer tudo. A alface nós temos para aí alturas que aquilo é aos molhos. A gente oferece e ninguém quer. Todos têm.

Lá em baixo está a 200 mil réis cada quilo. As peras, as maçãs, os abrunhos, as ameixas, a gente dá e ninguém quer, também, porque toda a gente tem. Enquanto a comprar tem de se pagar bem pago. A minha mulher tem também galinhas. Tem lá seis. Tem de se tratar e depois elas põem ovos para a gente comer.

Sonhos *Um sonho a dois*

Graças a Deus tenho aquilo que preciso para viver. O sonho que eu tenho é viver muitos anos mais a minha mulher. Os dois. Mas queria que ela deixasse de trabalhar tanto. Era isso que eu queria. Ela não quer. Não a quero forçar a não trabalhar. Ela gosta de trabalhar, diz que faz bem. Pronto, que continue! Para mim é que não. Já trabalhei tudo o que tinha a trabalhar. A viver conforme estou, estou bem assim.



Arminda e António (20 de Maio de 2005)

Avaliação "*Um certo valor*"

Eu acho que vocês andam a fazer uma coisa que tem um certo valor.